

Os maiores galardões científicos do mundo podem estar perdendo a importância por causa de obsoletos métodos de seleção

# Precisa-se: Uma Reforma nos Prêmios Nobel de Ciências

WILLIAM K. STUCKEY

**H**Á 10 ANOS, três microbiologistas franceses trabalhavam em Paris, em condições bem difíceis. Conhecidos e respeitados em outros países, eram forçados a realizar suas experiências em salinhas apertadas, num famoso centro de pesquisas. O diretor do centro estava tão pouco interessado no trabalho deles que chegou a recusar fundos oferecidos pelo Governo para um laboratório novo. Foi então que, no ano de 1965,

ocorreu uma espécie de explosão. Da noite para o dia, os três — Jacques Monod, André Lwoff e François Jacob — viraram heróis nacionais. A imprensa francesa enchia páginas sobre o trabalho deles. A prestigiosa Academia Francesa de Ciências cumprimentava-os, e eles foram recebidos pelo Presidente De Gaulle. Em resumo, eram celebridades. A causa disso tudo? Os três haviam ganho o Prêmio Nobel de Ciências.

As repercussões não foram poucas. Lwoff foi nomeado diretor do principal centro francês de pesquisas do câncer e Monod é hoje o diretor do centro de pesquisas no qual os três trabalharam tanto tempo — o Instituto Pasteur.

O Prêmio realmente trouxe con-

---

William K. Stuckey, um jornalista americano especializado em assuntos científicos, foi redator de uma carta informativa publicada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e editor científico da Universidade Northwestern. Vivendo atualmente na Inglaterra, escreve livros e artigos sobre assuntos da sua área.

sideráveis benefícios à pesquisa científica na França, além de transformar a vida dos seus três ganhadores, graças a um extraordinário fenômeno do século XX que pode ser chamado de «efeito geral de Nobel». Funciona da seguinte maneira:

Anualmente, na Suécia, a Fundação Nobel concede prêmios nos campos da Fisiologia/Medicina, Química e Física. Uma vez anunciado, o Prêmio Nobel transforma o seu ganhador em sábio, dono de opiniões solicitadas por governos, pela comunidade intelectual e grupos de pressão. Segue-se a oferta de empregos, inclusive a presidência de universidades e altas funções públicas. O contemplado com o Nobel ganha fácil acesso aos centros de poder e, se manobrar direito, pode influenciar os acontecimentos muito além da sua especialidade acadêmica.

Nomes de ganhadores do Prêmio Nobel permeiam os anais do poder: Frédéric Joliot (Química, 1935), principal assessor do Governo francês, no pós-guerra, para assuntos científicos e nucleares; Glenn Seaborg (Química, 1951), até 1971 o mais poderoso dos laureados, como diretor da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos; Lord Blackett (Física, 1948), sábio nuclear que assessorava o Governo britânico, mais tarde presidente do mais importante organismo intelectual do seu país, a Royal Society; Isidor Rabi (Física, 1944), um dos criadores da bomba H americana, de há muito assessor científico da OTAN.

Essa capacidade de transformar

um mortal em oráculo cheio de amigos poderosos é prerrogativa exclusiva de um punhado de professores suecos. Eles e seus antecessores têm exercido essa prerrogativa cercados do maior sigilo, ao longo das sete décadas da história do Prêmio. Nas mãos deles, o Nobel transformou-se no mais cobiçado galardão intelectual do mundo.

Muito desse sucesso deve-se ao tradicional respeito que a maior parte do mundo dedica à honestidade, objetividade, pragmatismo e neutralidade escandinavos. Outra razão do fascínio público é o dinheiro que acompanha o Prêmio — quase 100.000 dólares para cada um dos três premiados, livres de impostos. Em consequência, como Glenn Seaborg disse certa vez num discurso, «os Prêmios Nobel oferecem heróis para modelos dos jovens». E os que detêm o poder são muito sensíveis a essa adoração de heróis. Um dos diretores do Instituto Max Planck, de Munique, assinalou: «Políticos impressionam-se exatamente com as mesmas coisas que impressionam todo o mundo.»

A aura de mistério com que os leigos contemplam o complexo mundo das ciências acrescenta a esses galardões um elemento de prestígio que não aparece nas demais categorias do Prêmio Nobel. As obras literárias estão abertas ao escrutínio crítico do público, o Nobel de Paz tem frequentemente conotações políticas e o novo Prêmio de Economia, instituído em 1969, ainda não conquistou o prestígio

dos demais. Já os prêmios científicos, por seu turno, parecem ser não apenas apolíticos, mas também o resultado de uma enigmática mas supremamente útil feitiçaria.

Contudo, é em Estocolmo, quartel-general do aparelho seletor de prêmios, que, paradoxalmente, a magia do Nobel parece funcionar menos. Visitas às instituições que escolhem os ganhadores — Instituto Karolinska (Fisiologia/Medicina) e Academia Real de Ciências da Suécia (Química e Física) — produzem alguns comentários surpreendentes.

«Embora sejam úteis porque chamam a atenção sobre as ciências básicas, os prêmios já não o são tanto no que diz respeito à distinção prestada às grandes descobertas», diz Nils R. Ringertz, grande biologista celular, professor associado do Instituto Karolinska. «Era importante no começo do século, quando havia poucos cientistas e toda a ajuda que pudessem receber era bem-vinda», acrescenta Ringertz. «Mas grande parte da melhor pesquisa científica atual não pode ser considerada para premiação.» Na realidade, poucos dos jovens cientistas escandinavos dão hoje muita atenção ao Prêmio Nobel.

Outros cientistas assinalam o grande declínio no interesse, de parte de muitos professores escandinavos, principalmente os mais jovens, em indicar candidatos à premiação. «Eles não parecem considerar a coisa tão importante e urgente como nós achamos», diz o químico de 72 anos Karl Myrback,

que é um dos membros do comitê.

Uma das razões talvez seja o fato de o prêmio frequentemente estar muito atrasado em relação à obra que pretende recompensar. O neurofisiologista Ulf von Euler, por exemplo, hoje presidente da Fundação Nobel, recebeu parte do Prêmio de Medicina de 1970 por um trabalho que começara a relatar em 1946. Mas a espera pode ser maior. Peyton Rous, da Universidade Rockefeller, foi um dos contemplados de 1966 em Medicina/Fisiologia por ter demonstrado que o câncer podia ser inoculado em animais por meio de um vírus. Ele anunciara a sua descoberta ao mundo científico em 1910!

Uma das mais sérias críticas que se faz ao atual sistema de premiação é a sua insuficiente representatividade. Para o grande público, o Prêmio Nobel significa a conquista suprema no mundo científico. No entanto, um historiador moderno, se quiser compilar uma história científica do século XX baseando-se apenas nos arquivos da Fundação Nobel, encontrará uma sociedade...

◆ Que não tem um programa de exploração espacial e que não conhece o computador. Uma vez que as regras de premiação excluem os trabalhos realizados por mais de três pesquisadores, fica excluído qualquer projeto executado por um grupo grande — como a pesquisa espacial e a criação de computadores.

◆ Que não conhece Astronomia, Geologia, Oceanografia, nem «Matemática Pura». Não existem prêmios destinados a essas áreas.

◆ Que sabe pouco de Cirurgia (certamente não o suficiente para transplantar órgãos), não tem meios de estudar o comportamento de humanos e animais através da Psicologia e da Psiquiatria e nada sabe sobre como os seres humanos se comunicam... ou se reproduzem.

◆ Que não tem idéia sobre Ecologia, o estudo do delicado equilíbrio vital entre os mundos mineral, vegetal e animal.

Por que essas escandalosas omissões? A formação do estranho intelectual-industrial que deu origem a tudo, Alfred Nobel, lança alguma luz sobre o problema.

Nobel era sueco e químico, criador de cartéis mundiais no século passado, e gigante no mundo dos negócios, como os Rockefeller e os Du Pont. O seu gênio inventivo deu-nos a dinamite, as cápsulas explosivas, a pólvora sem fumo, alarmas contra incêndios, foguetes de salvamento no mar, e até poemas e novelas. Ao morrer, em 1896, não deixou mulher nem filhos, apenas um punhado de amigos, uma fortuna colossal... e um breve e surpreendente testamento.

Numa única folha de papel, escreveu apenas que a sua fortuna deveria ser investida em segurança e os juros resultantes distribuídos anualmente «entre os que, no ano precedente, tivessem trazido os maiores benefícios à humanidade». Os fundos financiariam cinco prêmios — Literatura, trabalhos dedicados a assegurar a paz mundial e por «descobertas» de Química, Fí-

sica e Fisiologia ou Medicina. Mas esse esqueleto de esboço não especificava praticamente mais nada.

Após grande disputa legal, a tarefa de interpretar o vago testamento foi entregue a um grupo da elite industrial e acadêmica do país, que estabeleceu a Fundação Nobel. Esse organismo que criou o formidável aparelho de premiação, pouquíssimo modificado desde 1910, tem a palavra final sobre os ganhadores.

Para ser contemplado, primeiro um cientista terá de ser indicado por um antigo laureado ou um de milhares de professores, diretores de laboratório e eminentes pesquisadores consultados anualmente pelos juízes. A maioria desses indicadores vive na Escandinávia, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e, em número menor, mas crescente, na União Soviética.

Segundo, a forma da carta de indicação tem de cingir-se a certos padrões. Se um corpo docente de Universidade, um Governo ou políticos fizerem muita força por um candidato, ele pode vir a ser prejudicado.

Terceiro, o candidato terá de sobreviver a uma intensa investigação. Os comitês de premiação encomendam dezenas de inquéritos detalhados sobre a sua vida profissional — e, em certos casos, também sobre a sua vida particular.

A quarta barreira são as reuniões secretas dos comitês, em Estocolmo. É interessante notar que o testamento de Nobel não estipulava que os assuntos relativos à concessão

dos prêmios fossem tratados secretamente. Essa política foi adotada somente depois, pela Fundação Nobel, visando a desencorajar campanhas pessoais ou políticas em favor de um candidato, além de evitar que perdedores fossem expostos a vexames públicos. O resultado é que ninguém de fora conhece os critérios usados na seleção dos ganhadores, e os juízes não fazem a menor questão de tornar públicas as atas dos comitês, que poderiam vir a ser da maior utilidade para historiadores, educadores, governos e pesquisadores industriais — qualquer um, enfim, que tenha necessidade de avaliar a qualidade de custosa atividade intelectual de alto nível, saber onde encontrá-la e quem dela participa.

Quem são esses juízes tão discretos? São umas duas dúzias, pouquíssimo conhecidos fora da Escandinávia, geralmente cientistas com longas e vitoriosas carreiras em universidades suecas. Alguns têm a idade do próprio Prêmio; outros de há muito encerraram suas carreiras de pesquisadores. E, embora admitam que haja falhas no sistema de seleção, mostram-se muito hesitantes em adaptar os prêmios à moderna ciência em constante mutação de forma e direção. Como disse o químico Karl Myrback: «Por que mudar uma coisa boa?»

Cientistas que participam do sistema de seleção fazem questão de permanecer anônimos quando sugerem modificações. É compreensível, de vez que existe o risco de serem

mal compreendidos e considerados desleais. Apesar disso, algumas sugestões oferecidas privadamente devem ser publicadas e ponderadas:

◆ Os estatutos do Prêmio Nobel devem ser alterados a fim de incluir importantes ciências novas, desconhecidas ao tempo do testamento de Alfred Nobel. Uma solução seria instituir um ou dois prêmios «abertos», não ligados a qualquer campo específico, que poderiam ser outorgados, a critério dos juízes, a progressos marcantes.

◆ Toda a comunidade científica mundial deveria ser consultada sobre a nomeação de juízes — atividade hoje restrita aos membros dos três comitês de premiação.

◆ A indicação de candidatos deveria ser um processo muito mais amplo. Grande número de instituições, assim como países inteiros, são atualmente ignorados na busca de candidatos a prêmios.

◆ Os prêmios deveriam ser considerados como parte do domínio público, o qual profundamente afetam, e deixariam de ser encobertos por esse manto de segredo. As atas de seleção de candidatos poderiam ser abertas ao público um ano após a atribuição dos prêmios (a espera ajudaria os juízes a evitar as pressões).

À medida que se acelera o ritmo da ciência e se amplia o seu âmbito, é chegada a hora de mudar, sob pena de esses prêmios instituídos há 72 anos, e que têm sido tão respeitados e por tão boas razões, virem a tornar-se apenas mais uma longínqua lembrança do passado.